

CRUZAR FRONTEIRAS SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA II OFICINAS LUSO-AFRO-BRASILEIRAS

COORD.
LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES

Título: *Cruzar Fronteiras sobre o Ensino de História: II Oficinas Luso-Afro-Brasileiras*

Coordenação: Luís Alberto Marques Alves

Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt

Imagem da capa: Sílvia Araújo

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

ISBN: 978-989-8970-01-5

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-01-5/cruz>

Porto, dezembro de 2018

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL: UMA EXPERIÊNCIA INTERDISCIPLINAR COM HISTÓRIA E FOTOGRAFIA*

MARIA DAS GRAÇAS DE ANDRADE LEAL**

INTRODUÇÃO

A partir da experiência educacional realizada no âmbito do Programa Educacional do Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, instituição fundada em 1872 por artistas e operários que reivindicavam educação e assistência, no contexto do Brasil escravista, apresento o relato da aplicação de uma metodologia de ensino de história fundamentada na educação histórica e patrimonial. Após um incêndio ocorrido em 1968 no seu prédio datado do século XVIII e situado no Centro Histórico de Salvador, foi realizada, em 1988, a revitalização institucional que incluiu a restauração do imóvel e reformulação do seu modelo educacional. «Educar para a vida, pelo trabalho» foi o lema que regeu o programa educacional instituído e os diversos projetos que se sucederam¹.

O Programa Educacional inaugurado foi destinado ao público jovem (14 a 17 anos), oriundo de escolas públicas, de famílias de baixa renda e residentes em bairros periféricos de Salvador. Com os propósitos de estimular e mobilizar conhecimentos inseridos na própria história do Liceu, aplicamos o projeto educacional *Conhecendo*

* Foi publicada uma versão desta experiência em LEAL, 2011.

** Professora titular-pleno da Universidade do Estado da Bahia/Departamento de Ciência Humanas/Colegiado de História/Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local/Campus V e do Mestrado Profissional em Ensino de História/Campus I. gal.leal@yahoo.com.br.

¹ Com o propósito de contribuir para a qualificação intelectual, cultural e profissional de jovens aprendizes, a instituição desenvolveu, entre 1988 e 2007, diversos projetos pedagógicos inovadores, fundamentados no *aprender a ser pelo fazer criativo, produtivo e participativo*, através de experiências educacionais articuladas com a cultura e o trabalho. A instituição foi desativada no ano de 2008.

a *Cidade, Descobrimdo o Olhar*² que, de forma interdisciplinar, viabilizou a integração de todos os jovens que participavam dos diferentes cursos profissionais ali oferecidos³. Assim, foi possível, através da pesquisa-ação, investir numa metodologia que reunisse as diferenças e similaridades de pessoas que buscavam uma alternativa educacional qualificada, face aos múltiplos desafios enfrentados nas escolas formais, especialmente as públicas, além de abrir uma janela pedagógica de sensibilização e mobilização em torno das dimensões artísticas e históricas, com ênfase na educação histórica e patrimonial.



Fig. 1. Logomarca do projeto criada pela Oficina de Artes Gráficas do Liceu/1998

O Projeto *Conhecendo a cidade, descobrimdo o olhar* nasceu, também, da inquietação e militância pela defesa do patrimônio histórico-cultural da cidade de Salvador, face as omissões e fragilidades de políticas públicas relativas à preservação e proteção do patrimônio histórico, artístico, cultural e natural na Bahia, especialmente por se tratar da primeira capital da América Portuguesa, considerada Patrimônio Mundial. Para além da preocupação com a preservação e conservação de bens móveis e integrados aos monumentos arquitetônicos tombados em níveis federal e estadual, o olhar sobre a cultura local, nos fazeres e saberes da população soteropolitana, nas suas invisibilidades, foi uma das perspectivas adotadas para a exploração de conteúdos, conforme a nova história cultural⁴.

² Iniciado em 1998, o projeto promoveu a integração socioeducacional de jovens de diferentes idades e níveis escolares, porém com perfis socioeconômicos e intelectuais semelhantes — situação de vulnerabilidades sociais, de deficiência escolar básica formal (saber ler, escrever, as operações básicas da matemática) e dificuldades de sociabilidade. Participaram da idealização, pesquisa, elaboração, execução e sistematização da experiência *Conhecendo a Cidade, Descobrimdo o Olhar*, de 1998 a 2000, a historiadora Maria das Graças de Andrade Leal e a fotógrafa Isabel Gouvêa.

³ Pelo Programa Educacional *Arte, Talento e Cidadania*, experiências éticas, estéticas e produtivas foram vivenciadas nas perspectivas da formação integral e profissional de jovens nos campos das *artes cênicas* — Teatro, Dança e Música —, do *design social* — Design Gráfico, Design de Produtos, Arte-Restauração de Móveis e Azulejos, Fotografia — e da *participação e mobilização social* — Agentes Sociais e Conexão Solidária.

⁴ Sobre a nova história cultural, tomamos por base autores como BURKE, 1992; CHARTIER, 1990; HUNT, 1992; VEYNE, 1987; WILLIAMS, 1979.

O Patrimônio Cultural de uma nação, de uma região ou de uma comunidade, composto pelas expressões materiais e espirituais que lhe constituem, incluindo os valores ambientais e naturais, conforme a *Declaração de Caracas*⁵, não existe de forma isolada. É na relação sociocultural e ambiental que os grupos e comunidades atribuem valor aos bens materiais ou imateriais que contam suas histórias, tradições, memórias, enquanto legados transmitidos de geração a geração. Como categoria de pensamento, o conceito de patrimônio deve ser pensado historicamente, pois o seu sentido variou no tempo e espaço. Portanto, pode ser pensado como fato social total, segundo Mauss, considerando a sua função de mediador entre mortos e vivos, deuses e homens, nacional e estrangeiro⁶, ou ainda entre memória e esquecimento.

Os processos de valoração ou patrimonialização⁷ alteraram-se conforme interesses e ideologias marcadas pela historicidade da sua institucionalização, desde o século XVIII, na Europa. No Brasil, desde os anos de 1920, a patrimonialização institucionalizada passou por transformações conceituais, conforme os parâmetros internacionais, culminando, em 1988, com a nova Constituição, em que foi ampliada a noção de patrimônio (art.º 216), seguida de leis complementares⁸. Segundo o conceito antropológico de cultura, o patrimônio cultural passou a incluir o *patrimônio cultural imaterial* (ou *patrimônio cultural intangível*) que abrange expressões culturais e tradições preservadas por grupos de indivíduos para as gerações futuras, tais como os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições⁹.

Na esteira das mudanças de paradigmas político-institucionais, a categoria patrimônio foi incorporada aos estudos acadêmicos de diversas áreas do conhecimento, como da museologia, arquivística, educação, história, arquitetura, antropologia, das ciências da natureza, ciências da informação, geografia, entre outras. Portanto, com a proliferação de pesquisas e experiências voltadas para o debate político-social relativo à preservação, valorização, conservação dos diferentes e diversos «patrimônios» espalhados pelo Brasil, revelou-se uma teia complexa e heterogênea de valores culturais

⁵ *Declaração de Caracas*, 1992: 76.

⁶ Ver GONÇALVES *apud* ABREU & CHAGAS, 2009.

⁷ Ato de tornar um bem com valor de patrimônio, ou seja, proteger ou resguardar um bem material ou imaterial.

⁸ No Brasil, desde a década de 1920 até a criação, em 1937, do então denominado Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), responsável pela identificação, documentação, fiscalização, preservação e promoção do patrimônio cultural brasileiro, critérios para eleição de bens artísticos, históricos, arquitetônicos a serem preservados passaram por transformações políticas e conceituais. O que era considerado apenas objeto de proteção, o patrimônio material (ou bens tangíveis), aquele que integrava edifícios, obras de arte, sítios arqueológicos, conjunto arquitetônico de cidades, com o Decreto 3.551/2000, que regulamentou o artigo 216 da Constituição de 1988, foi criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e instituiu, como formas de proteção, o registro em livros temáticos no IPHAN e inventário.

⁹ Sobre legislação e processos de tombamento ver: <<http://www.cultura.gov.br/site/categoria/politicas/patrimonio-e-monumenta/patrimonio-material>>, <<http://www.brasil.gov.br/sobre/cultura/patrimonio/patrimonio-material-e-imaterial>> e <http://pt.wikipedia.org/wiki/Patrim%C3%B4nio_cultural_imaterial>.

invisibilizados pela tradição institucional e acadêmica, gerando uma compreensão mais profunda sobre a diversidade populacional do vasto território brasileiro.

Fundamentado no conceito de Educação Patrimonial e na educação histórica, foi adotado, no referido projeto, como premissa política, o compromisso com a cultura, a cidadania e memória coletiva, visando a aplicação de uma metodologia de ensino que estimulasse os jovens a se apropriarem de novos conhecimentos com base na história local. Buscou-se, também, baseado no conceito de «empatia histórica» no desenvolvimento da compreensão do passado, provocar interesses e motivações originados por perguntas elaboradas no tempo presente. Desse ponto de vista, construímos uma metodologia de ensino-aprendizagem com a interseção da história e fotografia, ancorada nas vivências e percepções dos jovens sobre patrimônio cultural local.

Educação patrimonial e histórica tornaram-se e los conceituais que guiaram a operação de uma metodologia desenvolvida em processo, seguindo o modelo da pesquisa-ação e de aulas-oficinas¹⁰. Na medida em que aplicávamos uma oficina temática, que reunia história e fotografia, avaliávamos os resultados e, a partir de então, elaborávamos as oficinas seguintes. Ou seja, através de oficinas formativas, as atividades de produção de conhecimentos eram compartilhadas e reelaboradas entre todos os envolvidos — educadores e educandos. Novas demandas emergiam para, daí, direcionarmos os conteúdos aos interesses contextualizados do grupo. Dessa forma, na linha da educação histórica, em que os conhecimentos históricos, ou a compreensão do passado, são necessários para o desenvolvimento de atitudes críticas e propositivas no mundo, os jovens educandos foram estimulados a desenvolverem compreensões contextualizadas dos «processos de mudança ao longo do tempo e sua influência sobre o momento presente» e, portanto, aprenderem a pensar historicamente¹¹.

Na perspectiva interdisciplinar, foram reunidos conhecimentos das áreas de história, sociologia, antropologia, patrimônio, psicologia, pedagogia e arte. Com a arte, a fotografia se constituiu na principal ferramenta que contribuiu para a formação estética, visual e de conteúdos técnicos, histórico-culturais e sociais. De projeto ao exercício de práticas pedagógicas foram diversos caminhos traçados para validarmos princípios educacionais, baseados na participação ativa, atuante, reflexiva e crítica de todos os envolvidos, especialmente dos jovens enquanto produtores de conhecimento¹². Vinculou-se, de um lado, a aspectos relativos à crise da memória, enquanto prática e representação, e, paradoxalmente, sua coexistência, por outro, com a efervescência da memória, considerada na ordem do dia como suporte dos processos de identidade e reivindicações respectivas, tendo como exemplo a busca pela divulgação da autoimagem através

¹⁰ BARCA, 2004.

¹¹ CAIMI, 2015: 30.

¹² Sobre os diversos estudos que discutem a educação popular ver: FREIRE, 1977; FREIRE, 1981; COLL, 1994; SAVIANI, 1995; GADOTTI, 1983; GADOTTI, 1992; GADOTTI, 1997.

do «Estado (organismos documentais e de proteção do patrimônio cultural); entidades privadas; empresas; imprensa; partidos políticos; movimentos sindicais, de minorias e marginalizados; associações de bairro, organizações da sociedade civil, etc.»¹³.

Diante de tais problemáticas, partimos para a aplicação de uma proposta educacional que discutisse com jovens de baixa renda, residentes em bairros periféricos de Salvador, com dificuldades de acesso a uma escola de qualidade e de inserção no mercado de trabalho, aspectos relacionados ao patrimônio histórico, artístico, cultural e natural da cidade onde eles habitam e onde constroem o seu próprio patrimônio. Dessa forma, foram considerados conceitos combinados à educação patrimonial relativos à memória individual e coletiva, cultura, patrimônio e educação histórica.

PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO, HISTÓRIA E MEMÓRIA: ALGUMAS PISTAS CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

Partimos do pressuposto de que todo ser humano deseja a imortalidade e que, para tanto, por saber-se finito, cria, no seu processo cultural de existência, no seu fazer cotidiano, nas suas elaborações e reelaborações sobre o mundo, estratégias de perpetuação. Voluntária ou involuntariamente, a humanidade documenta a sua passagem pelo mundo, criando objetos, monumentos, símbolos, produzindo textos, arte, inventando, interpretando, registrando a sua presença, a sua existência. Para Carneiro, este é o objetivo do ser humano — ser lembrado. E pela lembrança, sobrevive.

*A sobrevivência humana acontece, portanto, no outro; a sobre-vida não ocorre pela permanência do vivo, mas por intermédio de sua lembrança evocada nos monumentos que erigiu a si ou aos seus. O morto permanece vivo na memória ou nas suas realizações*¹⁴.

E assim, a humanidade deixa de herança uma memória passível de «leituras» pelas gerações futuras, interpretadas e reconfiguradas conforme visões de mundo, ideologias, métodos, narrativas. Com o objetivo de compreender os sentidos social e político da memória, Le Goff considera ser «o estudo da memória social [...] um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história»¹⁵.

Para Chauí¹⁶, a memória possui duas dimensões: a pessoal, introspectiva, cuja recordação é individualizada; a coletiva e social, transformada em memória objetiva, gravada nos monumentos, documentos e relatos da história de uma sociedade. Portanto, é no coletivo, no social, que o monumento, os documentos na sua expressão mais larga, se configuram em patrimônio de um povo, conforme Mariuzzo:

¹³ MENESES, 1999: 12.

¹⁴ CARNEIRO, 2008.

¹⁵ LE GOFF, 1996: 426.

¹⁶ CHAUI, 2005:138.

*Monumentos são parte do patrimônio cultural de um povo ou de uma nação, eles servem como um elo entre presente e passado dando um sentido de continuidade. A preservação do patrimônio pressupõe um projeto de construção do presente, e por isso vale a pena na medida em que este patrimônio esteja vivo no presente, vivo para que as pessoas que o cercam possam de algum modo usufruir dele*¹⁷.

Le Goff¹⁸, ao refletir sobre a relação entre documento e monumento, conclui que a memória, ao ganhar um caráter de monumento, deve ser visitada pelo historiador partindo do princípio de que «todo documento tem em si um caráter de monumento» e, por conseguinte, o seu conteúdo deve ser interrogado por considerar que não há «memória coletiva bruta», por ela ser sempre lapidada pelo contingenciamento da lembrança, pelas distâncias temporal e social, psíquicas, entre outras distâncias. Assim, o monumento tem o sentido de fazer recordar, instruir, emitir sinais do passado. Ou seja, evoca o passado para perpetuar a recordação, seja voluntária ou involuntária, como legado à memória coletiva. Como estímulo da memória para a recordação, o monumento ou os diferentes documentos e todos os bens culturais de comunidades representam, para pessoas ou para uma sociedade, elos significativos de continuidade entre o que foi e o que é, ganhando, assim, *status* de Patrimônio. Portanto, o que pode merecer significado social ao patrimônio é, justamente, o interesse pelo presente e, portanto, como meio de ligação com o passado, deve fazer sentido no nosso cotidiano. Sendo assim, esta é uma alavanca que podemos utilizar para desenvolver a educação histórica, tomando experiências e interesses dos estudantes em torno de questões que os mobilizam no tempo presente, visando à compreensão do passado. Ou ainda, conforme os estudos de Pinto para a realidade portuguesa, ao considerar a categoria da *didática do patrimônio* na educação histórica, identifica a sua importância na formação da cidadania, por

*facilitar a compreensão das sociedades passadas e presentes, de modo a que os elementos patrimoniais se definam como fontes para a sua análise, a partir dos quais se parte para conhecer o passado e, através dele, compreender o presente e alicerçar posicionamentos futuros*¹⁹.

Na perspectiva do conceito antropológico de cultura, o patrimônio cultural inclui todas as formas de representação, todos os fazeres e saberes de um povo em seu conjunto e, portanto, são objetos de valorização patrimonial que devem integrar os objetivos educacionais, preservacionistas, conservacionistas. Não apenas obras arquitetônicas monumentais, de apelo evocativo e comemorativo aos grandes feitos do passado,

¹⁷ MARIUZZO, 2004.

¹⁸ LE GOFF, 1996: 433.

¹⁹ PINTO, 2006:142.

antiguidades, de valor estético, mas aquilo que tem significado para uma sociedade, o que «contribui para a construção de sua identidade cultural e o exercício da cidadania»²⁰.

Diante da pluralidade presente na concepção de patrimônio em suas dimensões políticas, sociais, culturais, econômicas, naturais, a educação patrimonial passa a integrar uma área a ser explorada no universo do conhecimento e das políticas públicas de proteção à vida em seu sentido socioambiental, especialmente em se tratando de um país como o Brasil e particularmente do estado da Bahia. Pela carência de ações mais enfáticas de proteção do nosso patrimônio cultural, social e natural, a problemática da sua degradação vem se aprofundando a passos largos, o que tem proporcionado o desenvolvimento de metodologias com educação patrimonial por estudiosos das diversas áreas do conhecimento.

Para Fernandes, os lugares e suportes da memória, como museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas, sítios históricos, vestígios arqueológicos, são espaços privilegiados no processo educativo para se «desenvolver a sensibilidade e a consciência dos educandos e dos cidadãos para a importância da preservação desses bens culturais»²¹. Neste sentido, segundo o mesmo historiador, a educação patrimonial, como proposta interdisciplinar de ensino voltada para questões atinentes ao patrimônio cultural,

*compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou de conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral, a fim de lhes propiciar informações acerca do acervo cultural, de forma a habilitá-los a despertar, nos educandos e na sociedade, o senso de preservação da memória histórica e o conseqüente interesse pelo tema*²².

No Projeto *Conhecendo a Cidade, Descobrimo o Olhar*, educação patrimonial é considerada ainda como «instrumento de alfabetização cultural»²³, por possibilitar ao indivíduo leituras de mundo e a «compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido»²⁴. Contudo, o objeto de conhecimento foi estendido para além do patrimônio cultural acima referenciado, ao incluirmos, na dinâmica do conhecimento proposto, as subjetividades dos jovens participantes associadas ao autoconhecimento, ao fortalecimento da autoestima, à busca de motivações intrínsecas em cada história de vida, a fim de promover o olhar indagador e estético

²⁰ ORIÁ, 2001:138. Sobre patrimônio e processos de patrimonialização em sua historicidade ver SILVA, org., 1999; RODRIGUES, 2000; ABREU & CHAGAS, orgs., 2003; CHOAY, 2001; MEC, SPHAN/PRÓ-MEMÓRIA, 1980.

²¹ FERNANDES, 1992-1993.

²² FERNANDES, 1992-1993: 273-274.

²³ HORTA *et al.*, 1999.

²⁴ HORTA *et al.*, 1999.

sobre a vida e de toda a produção cultural, social e a existência natural que rodeia cada indivíduo no complexo da coletividade.

Entendemos, dessa forma, que a educação, como processo contínuo e compartilhado, vinculada à dimensão patrimonial, faz parte das conquistas de cidadania a serem fortalecidas nos diversos setores da vida, especialmente em se tratando do nosso tempo de modernidade, de individualismos exacerbados, das novas tecnologias, no contexto de existências de pessoas como os jovens participantes do Projeto, com todas as suas fragilidades, forças e potencialidades. A conquista maior a ser encarada está na proteção, preservação e transformação do patrimônio individual e coletivo sintetizado na cidadania ambiental, o que significa conquistas políticas, sociais, culturais, econômicas de inclusão ampla e irrestrita. Conforme Ana Carmen Casco²⁵, a educação deverá, nesse sentido, assumir

seu papel de agente no processo social, produtora de saber e não apenas consumidora e reprodutora de conhecimentos dados; as ações educativas voltadas para a preservação devem contribuir para a formação de sujeitos ativos e livres na construção de sua própria vida e da dimensão coletiva a ela inerente. É essa dimensão coletiva, conquistada e reafirmada, que permite ao indivíduo resignificar termos como cidadania, participação, responsabilidade e pertencimento. A educação pode ser um dos meios através dos quais se desvende o rosto digno da diversidade brasileira²⁶.

Assim, com os propósitos de estimular o interesse e provocar «empatia histórica» em torno da história do Liceu de Artes e Ofícios, da cidade de Salvador e do seu cotidiano, os jovens foram partícipes na construção de conhecimentos novos que envolveram as subjetividades e apropriações objetivas de saberes individuais e coletivos. Visando a tomada de atitudes e o desenvolvimento de competências para atuarem como cidadãos reflexivos, críticos e comprometidos com o ambiente em que vivem, a fotografia, por sua vez, se constituiu em meio para a ampliação da percepção estética e criativa sobre os lugares explorados. A integração da história com a fotografia objetivou ampliar a produção de conhecimentos históricos, artísticos, técnicos, culturais, de forma envolvente e prazerosa, que implicasse diretamente os jovens na cidade de Salvador e na vida de cada um na cidade. Promoveu, dessa forma, a aproximação dos jovens com a sua realidade urbana, estabelecendo um diálogo permanente com a sua história, a sua cidade, o seu patrimônio artístico-cultural e ambiente natural, ou ainda, com a sua identidade.

Para tanto, diversas ações educativas e integradoras privilegiaram temas vinculados à realidade sociocultural brasileira, caracterizada pela dinâmica da pluralidade, nas suas elaborações e reelaborações. Recortamos os «Brasis» e privilegiamos a Bahia como

²⁵ CASCO, 2006.

²⁶ CASCO, 2006: 4.

objeto direto de conhecimento, por ter sido a primeira edição do Brasil, sendo Salvador a sua primeira capital, e ainda por ser ponto de convergência de culturas europeias, africanas e americanas. A cidade de Salvador se constituiu em polo de aprendizados, por ser considerada referência concreta e objetiva vivida cotidianamente pelos educandos.

O papel da educação e da preservação do patrimônio e da memória, inscritas nos diferentes territórios do político, econômico e social, são dimensões das ações educativas e de preservação constituídas por interesses afetivos e amorosos, e, portanto, transformadores.

Ensinar o respeito ao passado, mais do que a sua simples valorização, é contribuir para a formação de uma sociedade mais sensível e apta a construir um futuro menos predatório e descartável, menos submetido à lógica econômica de um mercado cada vez mais voltado para os jovens, seus hábitos e seus gostos (ou a falta e a volatilidade destes). É construir uma sociedade que respeite seus velhos como portadores de saberes e tradições que precisam e devem ser reinventados ou transmitidos, em sua integridade, às gerações futuras. Uma sociedade culta é uma sociedade cultivada, seja pelos meios formais de educação — a escola —, seja pelos informais — a família, os mestres, as práticas sociais etc. E será culta, no sentido mais amplo de portadora de uma cultura, na medida em que for capaz de escolher, no passado e no presente, aqueles — objetos, signos, pessoas, tradições etc. — com os quais quer construir sua linha do tempo no mundo²⁷.

Vislumbramos uma alternativa pedagógica de apropriação consciente de uma cidadania histórica. Uma cidadania em que jovens em situação de desvantagem social pudessem estabelecer relações entre passado e presente, entre o individual e o coletivo, entre memória e esquecimento, e reelaborar conhecimentos, valores e atitudes relacionados aos princípios de valorização e preservação da vida na sua complexidade e simplicidade, na sua luz e sombra, na sua «eternidade» e transitoriedade, de forma crítica e criativa. Vida como patrimônio a ser protegido no que há na natureza e no que há de produzido pela humanidade em sua historicidade.

DA HISTÓRIA INSTITUCIONAL À HISTÓRIA LOCAL: EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM FOTOGRAFIA

Do Liceu de Artes e Ofícios, do lugar onde está situado e do patrimônio cultural que o cerca, diferentes ângulos da cidade de Salvador foram captados. Iniciando pela historicidade do Liceu, de um *locus* definido, foram reveladas possibilidades de aplicação de metodologias fundamentadas na educação patrimonial, tendo em vista ser a

²⁷ CASCO, 2006: 3.

própria instituição um patrimônio cultural e social da Bahia que, ao longo do tempo, reuniu funções sociais, culturais, educacionais, políticas e artísticas²⁸. Desde o século XIX, através dos movimentos sociais de trabalhadores negros e mestiços que reivindicavam educação escolar, o Liceu se tornou referência de escola profissionalizante destinada às classes populares. Como instituição de ensino, e também previdenciária, pois foi fundada como sociedade mutualista, ao adquirir o Paço do Saldanha e seu quarteirão no atual Centro Histórico de Salvador, adicionou outro elemento importante que consolidou a sua existência enquanto patrimônio cultural da Bahia. O Paço do Saldanha, construção nobre do século XVIII, antiga residência de grandes proprietários de terras e escravos da época colonial, atualmente integra o conjunto tombado do Centro Histórico de Salvador, considerado patrimônio da humanidade. Assim, foi possível mobilizar conhecimentos sobre a história institucional como estratégia educacional para provocar diversos temas vinculados ao presente e passado.



Fig. 2. Fachada Principal do Paço do Saldanha — 1906

²⁸ Sobre a história do Liceu de Artes e Offícios da Bahia ver LEAL, 1996.

Com a história institucional, diferentes conteúdos foram incorporados, especialmente em se tratando da história social e cultural local. Não somente a suntuosidade do seu prédio histórico foi analisada, mas naquilo que ele representava para a urbanização de Salvador no século XVIII e sua relação com as forças sociais e econômicas ligadas à colonização portuguesa, à riqueza de proprietários de terras e escravos e ao universo da escravidão africana no Brasil. A pergunta que emergiu ao longo das visitas guiadas aos espaços do prédio foi de como o Liceu havia chegado ali. Como oportunidade educativa motivada pela curiosidade dos jovens, surgiram outros temas relacionados à história do trabalho livre e escravo na Bahia imperial e as lutas empreendidas por artífices em garantir um lugar social a partir da formação escolar. Em seguida, as suas portas foram abertas e as ruas da cidade de Salvador se revelaram em palco de realização das diversas ações educativas que se sucederam. Explorando cenários, contextos, histórias, itinerários, fossem sociais, culturais, históricos, artísticos ou naturais, a cidade esteve presente nos passos, olhares, interesses e nas descobertas de todos os envolvidos — educadores e educandos. A instituição Liceu e a cidade foram ponto de partida e de chegada de experiências, emoções, fazeres e saberes que envolveram elaborações, percepções, sensibilidades expressadas pelo olhar curioso e estético dos jovens pela fotografia. O laboratório vivo, a sala de aula aberta, o espaço de trocas de conhecimentos foram a Salvador antiga e região metropolitana, carregadas de histórias, mitos e interrogações em sua convivência com a modernidade.

Através da metodologia sociointeracionista e dialógica, atividades teóricas e práticas foram aplicadas em formato de oficinas dinâmicas e participativas, com grupos de 25 jovens, nas quais eram articulados conhecimentos específicos de história e fotografia permeados por temas de conteúdo político, social, artístico, cultural e ambiental. Os conteúdos de história e de fotografia foram brotando na medida em que os jovens educandos interrogavam, problematizavam sobre determinados aspectos do passado. Conhecer a história da cidade a partir da história de vida de cada jovem foi um ponto de partida para a motivação inicial dos processos subsequentes de construção dos conhecimentos e sua direção ao passado. O foco foi o jovem em um movimento de resgate da sua autoestima, de reconhecimento da sua condição de sujeito de transformação e preservação na dinâmica do tempo. Esta se constituiu em uma abordagem importante para que dominassem conhecimentos inerentes a si mesmos, enquanto sujeitos construtores de histórias individuais e sociais, inseridos em diferentes ambientes e habitantes de uma cidade rica em diversidade étnica e cultural, plural em sua identidade.

O objetivo foi de proporcionar um espaço de conhecimento, autoconhecimento e reconhecimento sobre si, seus territórios identitários, individuais e coletivos, visando a introdução a outros espaços de aprendizado e produção de conhecimentos relativos ao bairro, à cidade e ao estado em que habitavam. Entrar no universo da particularidade de vida de cada jovem significava entrar no universo plural e complexo que o circundava.

Assim, através destes passos iniciais, foi proporcionado o acesso aos recursos culturais relevantes, para que todos pudessem criar condições complementares para o seu crescimento enquanto cidadãos participativos e engajados nas causas da preservação do patrimônio social, cultural, humano, natural e ao mesmo tempo da transformação voltada para a superação de todas as formas de discriminação, exclusão e destruição.

A partir do conhecimento e reconhecimento das diferenças, procurou-se alcançar o respeito pelo outro e o reconhecimento do plural, do múltiplo, do complexo como característica singular da nossa formação social. A pluralidade cultural, racial, étnica, humana, local é o que caracteriza a Bahia como um microcosmo brasileiro. Uma Bahia «desconhecida» passou a ser explorada, conhecida e reconhecida no âmbito das relações socioculturais presentes numa Salvador rica de história e «histórias». Um ambiente propício para viver e olhar lugares que fazem parte de uma realidade muitas vezes distante de jovens e adultos que se encontram politicamente desconectados do seu passado e do seu presente e, por extensão, do seu futuro.

Para tanto, foram realizadas vivências e explorados conhecimentos relativos à história e ao cotidiano dos jovens na cidade, criando situações educativas concretas para fazer emergir problemáticas no processo de reflexão em torno de temáticas de interesse geracional, cultural e social. O referencial de identidade e o significado de preservação da vida e de todo o patrimônio que a cerca, na perspectiva interdisciplinar, foram exemplos de abordagens reveladas e debatidas. Integrando conteúdos da «Identidade Social e Sociocultura Brasileira»²⁹, que, para a Bahia, denominamos «Bahia Plural», foi somada a arte de fotografar, possibilitando a criatividade e o registro do ambiente atual habitado pelos jovens. Foram conteúdos que dialogaram entre si e que provocaram disposição e motivação para a apropriação de conhecimentos relativos à história, ao patrimônio, à arte, à sociedade.

As oficinas foram intercaladas com atividades teóricas e práticas. Nas *atividades teóricas*, educadores e jovens experimentavam momentos de ação e reflexão nas dinâmicas de grupo, em rodas de conversa, debates, simulações sobre temas abordados e compartilhados através de leituras coletivas, músicas, exibição de slides, vídeos, filmes, mostra de fotografias, sobre a história da Bahia (desde o «descobrimento» do Brasil até os dias atuais) e outros relacionados à fotografia (noções da história da fotografia, a câmara fotográfica — composição e características, observação da luz). Conteúdos transversais como racismo, exclusão social, discriminação cultural, desigualdade regional, meio ambiente, observação, disciplina, reflexão, solidariedade, sensibilidade, responsabilidade, arte foram trabalhados ao longo das ações educativas. Ao explorar o tema «Fundação da cidade de Salvador», por exemplo, foram tratados conteúdos

²⁹ Conforme os *Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), Temas Transversais – Pluralidade Cultural e Sociocultura brasileira*. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

socioeconômicos a partir das presenças indígenas, africanas, europeias na formação social brasileira, discutindo-se a exploração, degradação do meio ambiente, produção artística e cultural, paisagem urbana, relações de trabalho, escravidão, discriminação racial, etc. Sendo assim, foram debatidos conteúdos sobre o «verdadeiro ‘descobrimento’ do Brasil», «a vida indígena, a presença portuguesa e suas consequências», «a chegada de Tomé de Souza e a construção da primeira capital do Brasil», «evolução urbana: o primeiro núcleo urbano e a atual cidade», «escravidão e racismo», «lutas pela liberdade: Alfaiates (1798) e Independência da Bahia (2 de julho de 1823)».

Os educandos iniciaram a aproximação com a fotografia conhecendo a história da fotografia no Brasil e na Bahia e as características da câmera fotográfica, através de projeções de imagens que exibiam aspectos do desenvolvimento urbano e de tipos humanos, fazendo o paralelo entre imagens do passado com a atualidade. Com a fotografia, foram desenvolvidos exercícios de observação da luz, para a compreensão do princípio da reflexão e captação da luz, através da construção de uma «Câmera Escura», que denominamos «Caixa Mágica», onde eram refletidas imagens invertidas. Com a «Minha Primeira Câmera», criada com uma moldura de *slide*, o educando tirou fotos imaginárias de seu cotidiano, o que provocou o aguçamento da observação, percepção e a compreensão de que a fotografia vem do fotógrafo e não da câmera.

A integração dos conteúdos de História com Fotografia culminou nas *atividades práticas*, quando grupos de jovens e educadores de história e fotografia saíam em passeios orientados e temáticos por lugares históricos da cidade, nos quais eram produzidas fotos com câmeras amadoras de 35mm que registravam conteúdo, estética, criatividade e documentavam o tangível e intangível presentes na sociedade baiana. Cada atividade prática era precedida de uma ação educativa de avaliação de conteúdo e processo e de preparação para a próxima visita, quando se trabalhava pontos críticos e favoráveis sobre a última experiência e conteúdos sobre o local a ser visitado.

Munidos de máquinas fotográficas e motivados pela curiosidade, os jovens exercitavam a observação, captação e exploração do ambiente, fossem em passeios a pé, de ônibus ou barco. Nos diferentes espaços, fotos foram produzidas com câmeras amadoras, a partir das quais discutiam-se conteúdos histórico-culturais, sociais e ambientais do cotidiano, promovendo a relação entre presente e passado. Os jovens levavam consigo reflexões desenvolvidas nas atividades teóricas e a máquina fotográfica como recurso para a manifestação da observação e percepção. Nesse sentido, o olhar do jovem sobre a cidade foi amplificado pela fotografia, despertando o aguçamento e o sentido da observação, percepção e exploração de dados da realidade nos seus diferentes ângulos. Provocou o poder de reflexão e criatividade nos jovens, propiciando o reconhecimento de que eram capazes de produzir fontes de informações que documentavam a cidade em seus aspectos históricos, artísticos, culturais, ambientais e sociais. Foi uma forma de o jovem

captar o tangível e intangível presentes na Salvador repleta de conteúdos e paisagens significativas para baianos e brasileiros³⁰.

Identificamos pontos históricos relevantes que compuseram o percurso temático. No Centro Histórico, os jovens iniciaram o exercício de fotografar o primeiro núcleo urbano construído pelos portugueses para sede do Governo Geral. A riqueza de informações absorvidas e transmitidas pelas fotografias puderam ser observadas pela captação de ângulos variados que abordaram temas diversificados integrantes da realidade local. Igrejas, artesanato, crianças, pobreza, velhos, arte sacra, praças, mar, feiras, etc. produziram o mosaico de interpretações e percepções sobre o ambiente.



Fig 3. Baiana no Pelourinho com adereços tradicionais — Salvador/Bahia, 1998³¹

Farol e Porto da Barra, com seus significados históricos, culturais, ambientais, arquitetônicos, por serem o território de chegada de Tomé de Souza, 1.º Governador da Bahia, que fundou a primeira capital do Brasil, e possuir três fortalezas (Santo Antônio da Barra, Santa Maria e São Diogo), foram traduzidos pela paisagem natural da praia e do horizonte infinito, do pescador e das construções militares esteticamente integradas ao mar. Ali foi um dos lugares onde os jovens se apropriaram da técnica de fotografia e do estímulo à observação e expressão.

O Bairro de Pirajá, bairro periférico distante do circuito de visitas turísticas, foi destacado como ponto relevante para o alargamento de conhecimentos que convergiam, simultaneamente, para história, política, meio ambiente e práticas culturais. No âmbito histórico, foi palco das mais importantes batalhas para a expulsão dos portugueses na

³⁰ Foram visitados os seguintes pontos históricos: Centro Histórico de Salvador, Porto e Farol da Barra, Pirajá, Parque São Bartolomeu, Itapuã, Lagoa do Abaeté, Museu Wanderley Pinho — Candeias, Baía de Todos os Santos — Ilha de Maré, Cidade de Cachoeira, Ilha de Itaparica.

³¹ Foto premiada em 1.º lugar do Concurso promovido pelo Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM) sobre *Patrimônio, Juventude e Desenvolvimento: os desafios do século XXI* em 1999.

guerra pela independência da Bahia em 1823. Ali foram sepultados heróis anônimos que lutaram e morreram pelo ideal de liberdade. Possui o «Pantheon da Independência», onde está sepultado o «herói oficial» da guerra — General Labatut —, e símbolos que marcam este fato histórico que a Bahia comemora todos os anos, no 2 de julho. Além da visão desta historicidade, o local foi, no tempo da escravidão, reduto de esconderijo de escravos fugidos que chegaram a formar quilombos. A Capela ali construída no século XVIII representa o grau de religiosidade presente na nossa cultura, convivendo com terreiros de candomblé que cultuam a religiosidade africana.

Pirajá possui uma reserva ambiental da mata atlântica, tombada pela UNESCO. Ali resiste um patrimônio natural inigualável mais próximo ao perímetro urbano. O Parque São Bartolomeu, ali localizado, é um ambiente que contém um significativo patrimônio ecológico e simbólico, onde a religiosidade africana é manifestada pelos cultos de respeito e veneração à mata, à água — existem cachoeiras como a de Oxum e Oxumaré — e ao conjunto natural. O respeito a este espaço merece ser anunciado por diversas formas. A poluição das águas e a interferência ao meio através de construções desordenadas vêm gerando a degradação não apenas ambiental, mas também cultural e social.

Em Itapuã, ponto extremo do norte da cidade, outras descobertas e experiências foram incorporadas. A Feira, o Farol, a Lagoa do Abaeté com sua água escura rodeada de areia branca, sobrevivente ao uso predatório da urbanização, foram revelados criativamente pelo olhar dos jovens. Na Feira, as luzes e cores retratadas nas frutas, nos legumes, no artesanato, nos peixes e em outros produtos regionais, nos comportamentos de feirantes e transeuntes, na arquitetura das barracas e distribuição dos espaços, são exemplos da riqueza estética e etnográfica dos conteúdos ali abordados e construídos pelo olhar de exploradores e comunicadores.



Fig. 4. Feira de Itapuã. Fonte: Foto dos educandos Ana Paula Santos de Jesus e Edésio dos Santos Ferreira Júnior/1998

A aventura do conhecimento atravessou a Baía de Todos os Santos, na imensidão do mar azul que abriga tantas belezas, tantos mistérios e muitas histórias. A Ilha de Maré foi o destino. Ali, todos tiveram contato com a natureza e com mais história. História de pessoas que vivem da pesca, do artesanato, da agricultura. História de danos ambientais convivendo com a vida calma dos ilhéus e as lutas pelo direito à terra.



Fig 5. Jovens educandos na Baía de Todos os Santos
Fonte: Foto de Isabel Gouvêa, 1998

Um roteiro que não se acaba. Experiências que se transformaram em conhecimentos. Fotografias que produziram impactos de leituras e qualidade estética. Uma metodologia que gerou novos projetos de educação patrimonial realizados na Ilha de Itaparica e Região Sisaleira, envolvendo outros jovens e novos aprendizados³².

Ao final de cada atividade prática ou teórica, a dinâmica avaliativa, realizada com a verbalização sobre conteúdos, resultados e processos, se constituía em oportunidade de todos juntos expressarem sentimentos e sensações provocadas pelas experiências de descobertas e aprendizados. O grau de satisfação e importância sobre as atividades era, na maioria das vezes, manifestado com palavras como: conhecimento, liberdade, expressão, importante, união, descoberta, história verdadeira, alegria, comunicação, valor, deveria ter mais vezes, integração, amizade, preservação, vida, arte.

³² A partir deste projeto guarda-chuva, houve desdobramentos em outros projetos e experiências como *Conhecendo Salvador: Educação, Qualificação, Cidadania e Turismo*, que abrigou dois subprojetos: *Guia Mirim – Centro Histórico e Conhecendo Itaparica*, realizados em parceria com a Bahiatursa, Voluntárias Sociais e a Prefeitura Municipal de Itaparica, além de outros como os projetos *Conhecendo o meu Bairro*, *Descobrimdo o Olhar*, realizado na comunidade do Bairro do Engenho Velho da Federação, com o objetivo de contribuir no exercício de conhecimentos estreitamente ligados à história e ao viver cotidiano de jovens no seu bairro, na perspectiva étnico-cultural, e *Memória e Vida: preservando e transformando (uma experiência educacional na região sisaleira)* realizado com adolescentes egressos do Programa de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e educadores da região sisaleira (cidades de Santa-luz, Riachão do Jacuípe, Conceição do Coité, Retirolândia e Valente), em parceria com o UNICEF e Movimento de Organização Comunitária (MOC).

A participação dos jovens em todo o processo educativo aconteceu de forma ativa, autônoma, manifestada pelas fotografias realizadas e depois analisadas uma a uma na atividade conclusiva. Era o momento em que recebiam as fotos reveladas e copiadas num clima de emoção e euforia. Num exercício de observação, avaliação, exploração e valorização do trabalho fotográfico produzido, as fotos eram selecionadas para a montagem de cartazes, levando-se em conta a coerência ao conteúdo e à lógica visual interna ao trabalho. Produziam-se textos sobre a vivência no projeto e as imagens, quando eram realizadas leituras individuais e coletivas em torno dos cartazes. O resultado final era a montagem de uma exposição. Foram montadas exposições com as fotografias, pequenos textos sobre o aprendizado e as caixas mágicas confeccionadas pelos jovens que percorreram os salões de exposição do Liceu de Artes e Ofícios, o Shopping Barra, o Salão Negro do Congresso Nacional, por ocasião das comemorações dos 450 anos da Cidade de Salvador (1999), entre outros espaços culturais da Cidade.



Fig. 6. Atividade de avaliação com educadora e jovens educandos/1998

AVALIANDO A EXPERIÊNCIA E SEUS IMPACTOS

*a história não é construída só pelo que nos contam, e sim pelo que vivenciamos...
O olhar a mais despertou em nós o ponto de vista crítico e realista.*
Anderson Santos (16 anos)

O diálogo entre as práticas e os princípios teórico-metodológicos adotados neste projeto provocou algumas reflexões que podem contribuir para o alargamento de outras experiências interdisciplinares que associem, no âmbito da educação patrimonial e

educação histórica, a fotografia, arte, antropologia visual e meio-ambiente. Foram vetores privilegiados nesta abordagem patrimonial em educação, cujo resultado foi a criação de uma metodologia de ensino-aprendizagem que poderá ser replicada e aperfeiçoada.

A transformação na visão dos jovens sobre o conhecimento do passado enquanto História, a sensibilização e compreensão sobre o seu valor na vida de cada um e na vida coletiva, foram alguns dos resultados qualitativos observados. Através do *Conhecendo a Cidade, Descobrimo o Olhar* ocorreu o fortalecimento da consciência de preservação do patrimônio coletivo, em seus aspectos históricos, culturais, ambientais, sociais e artísticos. Isto foi captado através de textos e desenhos produzidos durante as atividades e o alto grau de interesse e curiosidade demonstrado ao longo das atividades teóricas e práticas. Os jovens queriam informações sobre conteúdos que desconheciam em torno da cidade de Salvador e, à medida em que eram estimulados a pesquisarem e elaborarem questões significativas, novos conteúdos afloravam enquanto aprendiam de forma autônoma e prazerosa³³. Passando a conhecer, vivenciando na prática a sua relação com a cidade, ficou demonstrada uma nova atitude, um novo conceito, um novo olhar sobre a vida em suas dimensões variadas.

Achei interessante a história de como foi construída Salvador que era uma cidade cercada por muros e feita num lugar estratégico para que os contrabandistas de pau-brasil de outros países não tivesse êxito... e sobre a importância de Salvador que foi a primeira capital do Brasil e que a elite brasileira morava no Pelourinho.

Depois a capital do Brasil passou para o Rio de Janeiro como uma estratégia contra o contrabando pois essa área existia minas de ouro e pedras preciosas, em Minas Gerais e no Rio.

E mesmo não sendo mais a capital do Brasil, Salvador não tinha perdido a sua importância e foi um lugar importante para a independência do Brasil.

David da Silva (17 anos — Oficina de Móveis e Madeira)

A estratégia de utilização de recursos visuais durante as atividades teóricas foi relevante, uma vez que os conteúdos históricos discutidos estiveram referenciados a documentos visuais, fossem fotografias, desenhos, pinturas e filmes. Não somente analisando o objeto visual em si, buscou-se discutir seus conteúdos, potencializando as informações presentes nas imagens, produzindo leituras de um «texto» elaborado para comunicar e apropriado pelos «leitores» de forma que desse sentido e fosse compartilhado com o coletivo de educandos e educadores. Os recursos visuais puderam ser interpretados não somente na sua dimensão histórica — por exemplo uma imagem de Rugendas do século XIX retratando o desembarque de escravos em um porto — mas os

³³ É importante destacar avanços significativos na elaboração textual realizada pelos jovens, verificando-se aperfeiçoamento na escrita e comunicação oral.

significados social, político, cultural e econômico ali representados. Os elementos que compõem o «quadro» do tráfico de escravos no Brasil e seus desdobramentos para além da imagem, para além do tempo. Um documento visual que registra a sociedade observada e interpretada pelo observador e pelo produtor, estabelecendo uma interação com o significado do registro³⁴.

Através de leituras e debates elaborados e compartilhadas sobre as imagens apresentadas, questões polêmicas sobre património histórico foram levantadas naquilo que significa preservar, conservar, proteger. Os jovens se identificavam com a ideia de preservação de uma cultura de discriminações e preconceitos construída em torno do negro na contemporaneidade a partir da diáspora? A ideia de património estava associada às práticas culturais, sociais, políticas de toda população, independente de cor ou classe social? Dos elementos vinculados à presença negra na história do Brasil e da Bahia em particular, quais eram identificados como património a ser preservado, protegido, e quais deveriam ser superados na sociedade contemporânea? Que história pode ser escrita pelas letras da cidadania?

Podemos afirmar que os conteúdos historiográficos sobre as temáticas abordadas foram plenamente compreendidos, assimilados, questionados e refletidos à luz das experiências e leituras de cada um. A partir das «provocações temáticas», muitos jovens buscaram aprofundar conteúdos e análises nos livros, na internet, nos periódicos, pesquisando e retornando com mais propriedade sobre os temas de interesse. Ou seja, o estímulo à pesquisa foi um dos resultados importantes deste projeto. Tais pesquisas foram apresentadas espontaneamente e outras realizadas para fins escolares. Outros impactos foram identificados com relação ao desejo de muitos educandos se tornarem historiadores. A ideia de «empatia histórica» aplicada resultou em atitudes diante da valorização do conhecimento histórico, de forma crítica e criativa, com a compreensão sobre o passado e sua relação com o presente.

Esta experiência educacional, apoiada na abordagem interdisciplinar que integrou História e Fotografia, proporcionou o enriquecimento mútuo entre conteúdos e percepções da realidade. Fotografar o aprendizado histórico criou a possibilidade de inserção mais direta do jovem no processo de conhecimento. A fotografia permitiu que os aprendizados fossem expressados de forma visual e integrada. Nos diferentes lugares de memória, foram revelados saberes, sensibilidades, atitudes de compromisso para com as memórias visíveis e invisibilizadas, conhecidas e encobertas, considerando ser o conhecimento histórico uma construção permanente, flexível, baseada nas perguntas elaboradas no tempo presente e cujas respostas são proporcionadas pelo passado.

Assim, no Projeto *Conhecendo a Cidade, Descobrimo o Olhar*, foi viabilizado um importante canal para o desenvolvimento de uma consciência sobre a importância do

³⁴ Sobre as relações entre história, educação imagem e estética ver SALIBA, 1992; DUARTE, 1988; ALMEIDA, 1992.

patrimônio histórico-cultural e ambiental local e a tomada de atitudes vinculados aos propósitos de uma educação cidadã, ativa, crítica, na sua interseção entre presente-pastado. Entre alguns pontos observados a partir de atitudes, comportamentos e formas de expressão partilhados entre jovens e educadores, afirmamos que ocorreu uma transformação na visão dos adolescentes sobre a História; sensibilização e compreensão sobre o valor da história e da memória na vida de cada um e na vida coletiva; fortalecimento da consciência de preservação do patrimônio histórico-cultural, artístico, social, ambiental; demonstração de uma nova atitude, um novo conceito, uma nova compreensão sobre a vida em suas dimensões variadas; percepção crítica sobre a cidade em seus aspectos histórico-culturais, sociais e ambientais; ampliação de análise sobre a realidade aparente e a não aparente.

Nunca faltam maravilhas ao mundo. O que falta é a capacidade do homem de vê-las, senti-las e preservá-las.

Leonardo O. Caribé (15 anos)

A integração da história com a fotografia favoreceu o enriquecimento mútuo entre conteúdos e percepções da realidade. Educação, arte e cidadania se complementaram, proporcionando a interdisciplinaridade com resultados concretos, manifestados pelas expressões verbais, escritas, visuais, atitudinais e comportamentais. A linguagem visual facilitou e promoveu a «alfabetização» histórica, patrimonial, social, política, cultural, artística, provocando o encontro entre presente e passado na perspectiva de futuro e efetivando-se o sentido pluridimensional da Educação cidadã.

Fotografar é a arte de descobrir o olhar, que faz com que o homem valorize a sua cultura. Fotografia é arte e a sociedade necessita de arte.

Daiane e Antônio (17 anos)

No projeto *Conhecendo a Cidade, Descobrimo o Olhar*, o objeto de conhecimento foi estendido para além do patrimônio cultural material ou imaterial, dos conteúdos históricos, artísticos, culturais, técnicos, ao integrar diversas dimensões das experiências humanas, sejam cognitivas, sociais, estéticas, afetivas, com o propósito de mobilizar os jovens para conquistar a sociedade na condição de cidadãos com rostos, ideias, desejos, incluídos para protagonizar as cenas que se sucedem na vida social e individual daqueles que vislumbram uma sociedade justa, equânime, solidária, tomando o eixo «patrimônio» na largueza do seu conceito. Uma metodologia de ensino foi desbravada com a curiosidade própria do pesquisador que colocou em prática conceitos analisados e discutidos pelos teóricos das áreas da educação, história, antropologia, sociologia, das artes visuais, do patrimônio, e ao mesmo tempo proporcionou novas revelações que

poderão inspirar e sensibilizar educadores para a implementação de experiências pedagógicas renovadas, críticas, comprometidas com o salto de qualidade que ainda precisamos perseguir na educação brasileira.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário, orgs. (2009) — *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Lamparina.
- ALMEIDA, Milton José de (1992) — *História em imagens e sons na moderna história oral*. São Paulo: FDE.
- BARCA, Isabel (2004) — *Aula Oficina: do projecto à avaliação*. In *Para uma educação histórica de qualidade. Actas das IV Jornadas Internacionais de Educação Histórica*. Braga: Ed. Universidade do Minho.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC); SPHAN/Pró-Memória (1980) — *Proteção e revitalização do Patrimônio Cultural no Brasil: uma trajetória*. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC), Secretaria da Educação Fundamental (1997) — *Parâmetros Curriculares Nacionais, Temas Transversais – Pluralidade Cultural e Sociocultura Brasileira*. Brasília: MEC.
- BURKE, Peter, org. (1992) — *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP.
- CAIMI, Flávia (2015) — *Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa*. In ROCHA, Helenice et al. — *O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado*. Rio de Janeiro: FGV.
- CARNEIRO, Neri de Paula [s.d.] — *Da memória à história*. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/5296/1/da-memoria-a-historia/pagina1.html>>. [Acessado em 09/04/2008]
- CASCO, Ana Carmen Amorim (2006) — *Sociedade e educação patrimonial*. «Revista Eletrônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial», n.º 3. Disponível em <<http://www.revista.iphan.gov.br/materia.php?id=131>>.
- CHAUÍ, M. (2005) — *Convite à filosofia*. 13.^a ed. São Paulo: Ática.
- CHARTIER, Roger (1990) — *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- CHOAY, Françoise (2001) — *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Editora da Unesp.
- COLL, Cesar (1994) — *Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- DUARTE Jr., João Francisco (1988) — *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papirus.
- FERNANDES, José Ricardo O. (1992-1993) — *Educação Patrimonial e Cidadania: uma proposta alternativa para o Ensino de História*. «Revista Brasileira de História», São Paulo: Associação Nacional de História, vol. 13, n.º 25/26, p. 265-276.
- FREIRE, Paulo (1977) — *Pedagogia do Oprimido*, 4.^a Ed. São Paulo: Paz e Terra.
- (1981) — *Educação como prática da liberdade*. 12.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GADOTTI, Moacir (1992) — *Diversidade Cultural e Educação para Todos*. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- (1997) — *Concepção dialética da educação: um estudo introdutório*. São Paulo: Cortez.
- (1983) — *Educação e Poder: introdução à Pedagogia do Conflito*. São Paulo: Cortez. Autores Associados.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz (1999) — *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: IPHAN.
- HUNT, Lynn (1992) — *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes.
- LEAL, Maria das Graças de Andrade (1996) — *A arte de ter um ofício: Liceu de Artes e Ofícios da Bahia (1872-1996)*. Salvador: Fundação Odebrecht; Liceu de Artes e Ofícios da Bahia.

- (2011) — *Conhecendo a cidade, descobrindo o olhar: uma experiência de educação patrimonial com história e fotografia*. «História & Ensino». Londrina: Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, vol. 17, p. 21-40.
- LE GOFF, Jacques (1996) — *História e Memória*. 4.ª Ed. Campinas: Ed. Da Unicamp.
- MARIUZZO, P. (2004) — *A construção histórica do patrimônio público*. «Revista Consciência», n.º 52. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/02.shtml>>. [Consulta realizada em 10/06/2004]
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra (1999) — *A crise da Memória, história e documento*. In SILVA, Zélia Lopes da, org. — *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: UNESP; FAPESP, p. 11-29.
- ORLÁ, Ricardo (2001) — *Memória e Ensino de História*. In BITTENCOURT, Circe, org. — *O Saber Histórico na Sala de Aula*. 5.ª ed. São Paulo: Contexto.
- PARÂMETROS Curriculares Nacionais: *pluralidade cultural, orientação sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- PINTO, Helena (2016) — *Educação histórica e patrimonial: concepções de alunos e professores sobre o passado em espaços do presente*. Porto: CITCEM.
- RODRIGUES, Marly (2000) — *Imagens do passado: a instituição do patrimônio em São Paulo (1969-1987)*. São Paulo: Editora UNESP; Imprensa Oficial do Estado: Condephaat; FAPESP.
- SALIBA, Elias Thomé (1992) — *A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica*. São Paulo: FDE.
- SAVIANI, Dermeval (1995) — *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Editora Autores Associados.
- SILVA, Zélia Lopes da, org. (1999) — *Arquivos, Patrimônio e Memória*. São Paulo: Editora da UNESP; FAPESP.
- VEYNE, Paul (1987) — *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70.
- WILLIAMS, Raymond (1979) — *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.